

formigas sobem meus braços bêbados

Ó formigas subam meus braços bêbados
deixaram Van Gogh sentar num trigal
e tirar a Vida do mundo com uma
espingarda,
formigas subam meus braços bêbados
mandaram Rimbaud
traficar armas e procurar ouro
sob as pedras,
Ó formigas subam meus braços bêbados,
botaram Pound num manicômio
e fizeram Crane saltar no mar
de pijama,
formigas, formigas, subam meus braços bêbados
com nossos alunos gritando por Willie Mays
e não por Bach,
formigas subam meus braços bêbados
na bebida eu agarro
pranchas de surfe, pias, girassóis
e a máquina de escrever cai como um infarto
da mesa
ou como um touro dominical morto,
e as formigas descem minha garganta
e entram na minha boca,
e eu as engulo com vinho

e levanto as cortinas
e elas estão na tela
e nas ruas
escalando as torres das igrejas
e percorrendo carcaças de pneus
procurando algo mais
para comer.

[Para Jon e Louise Webb]

25 de março de 1961

[...] O que me incomoda é quando leio sobre os velhos grupos de Paris, ou alguém que conhecia alguém nos velhos tempos. Eles faziam na época também, os nomes antigos e agora. Acho que Hemingway está escrevendo um livro a respeito agora. Apesar de tudo, porém, não consigo cair nessa. Não suporto escritores ou editores ou qualquer um que queira falar de Arte. Por 3 anos morei num hotel de um beco imundo – antes da minha hemorragia – e ficava bêbado todas as noites com um ex-presidiário, a arrumadeira do hotel, um indiano, uma moça que parecia usar uma peruca mas não usava e 3 ou 4 andarilhos. Ninguém sabia diferenciar Shostakovich de Shelley Winters e nós pouco nos lixávamos. A coisa mais importante era encarregar alguém de sair correndo em busca de birita quando ficávamos sem. Começávamos pelo fim da fila, com o nosso pior corredor, e se ele falhasse – você precisa entender, na maior parte do tempo havia pouco ou nenhum dinheiro – nós íamos um tantinho mais fundo, com o sujeito que era um pouco menos pior. Acho que é bazófia, mas eu era cavalo campeão. E quando o último entrava cambaleando pela porta, pálido e envergonhado, Bukowski se levantava com uma invectiva, vestia seu manto andrajoso e mergulhava com raiva e confiança noite adentro, rumo à Dick's Liquor Store, e eu dava um golpe no cara e o forçava e espremia até que ele ficava tonto; eu entrava com imensa raiva, sem mendicância, e pedia o que queria. Dick nunca sabia se eu tinha algum dinheiro ou não. Às vezes eu o enganava e tinha dinheiro. Mas na maior parte das vezes

eu não tinha. Mas de qualquer maneira ele estalava as garrafas na minha frente, botava elas num saco, e aí eu as pegava com um raivoso “Coloca na minha conta!”.

E aí ele começava com a velha dança – mas, *jesus*, *cê* já me deve tanto e tanto, e você não fez nenhum pagamento em um mês e...

E aí vinha o ATO DE ARTE. Eu já tinha as garrafas na minha mão. Não seria nada sair caminhando. Mas eu as estalava de novo no balcão diante dele, arrancando-as do saco e empurrando-as na direção dele, dizendo “Toma, você *quer* essas coisas! Vou fazer meu maldito negócio em outro lugar!”.

“Não, não”, ele dizia, “leve-as. Não tem problema.”

E aí ele tirava aquele triste papelzinho e adicionava o valor ao total.

“Deixa eu ver isso”, eu exigia.

E aí eu falava: “Pelo amor de Deus! Eu não lhe devo *tanto* assim! Que item é esse aqui?”.

Tudo isso era para fazê-lo acreditar que eu lhe pagaria um dia. E aí ele tentava me passar a perna de volta: “Você é um cavalheiro. Não é como os outros. Eu confio em você”.

Por fim ele adoeceu e vendeu sua loja, e quando veio o seguinte eu abri uma conta nova...

E o que aconteceu? Às oito horas num domingo de manhã – OITO HORAS!!!, que droga – houve uma batida na porta –, e eu abri e eis ali um editor. “Ah, eu sou tal e tal, editor de tal e tal, recebemos o seu conto e o consideramos muitíssimo inusitado; vamos usá-lo na nossa edição de primavera.” “Bem, entre”, tive de dizer, “mas não tropece nas garrafas.” E aí eu fiquei sentado enquanto ele me falava sobre sua esposa que o tinha em alta estima e sobre seu conto que certa vez havia sido publicado em *The Atlantic Monthly*, e você sabe como eles vão falando. Por fim ele foi embora, e mais ou menos um mês depois o telefone da recepção tocou e alguém queria falar com Bukowski, e dessa vez era uma voz de mulher, “Sr. Bukowski, nós

achamos que o senhor tem um conto muito inusitado e o grupo estava discutindo-o numa noite dessas, mas achamos que ele tem uma fraqueza e achamos que o senhor poderia querer corrigir a fraqueza. Era isto: POR QUE O PERSONAGEM PRINCIPAL COMEÇOU A BEBER ANTES DE MAIS NADA?”

Eu falei “Esqueça o negócio todo e mande o conto de volta” e desliguei.

Quando voltei, o indiano levantou o rosto por cima de seu drinque e perguntou: “Quem era?”

Falei “Ninguém”, a resposta mais precisa que eu podia dar.

[Para John William Corrington]

14 de janeiro de 1963

[...] Nascido em Andernach, Alemanha, em 16 de agosto de 1920. Mãe alemã, pai com o Exército Americano (nascido em Pasadena, mas de ascendência alemã) de Ocupação. Há certa evidência de que nasci, ou fui ao menos concebido sem casamento, mas não tenho certeza. Americano aos 2 anos de idade. Um ano mais ou menos em Washington, D.C., mas depois avante para Los Angeles. A história da fantasia de índio verdade. Tudo de grotesco, verdade. Entre a selvageria imbecil do meu pai, o desinteresse da minha mãe e o doce ódio dos meus amiguinhos: “Chucrute! Chu crute! Chu crute!”, a chapa esquentava por todo lado. A chapa esquentou ainda mais quando eu tinha 13 anos, tive um surto não de acne, mas de uns furúnculos ENORMES, nos meus olhos, pescoço, costas, rosto, e eu pegava o bonde para o hospital, para a ala de caridade, meu velho não estava trabalhando, e lá eles me perfuravam com a agulha elétrica, que é uma espécie de broca de madeira que eles fincam nas pessoas. Fiquei fora da escola por um ano. Frequentei o L.A. City

College por uns dois anos, jornalismo. A anuidade era de dois dólares mas o velho disse que não podia mais me mandar. Fui trabalhar nos pátios ferroviários esfregando as laterais dos trens com detergente OAKITE. Eu bebia e jogava à noite. Eu tinha um quarto pequeno em cima de um bar na Temple Street no distrito filipino, e eu jogava à noite com os trabalhadores da aeronáutica e os cafetões e etc. Meu quartinho ficou conhecido e lotava de gente todas as noites. Era um inferno conseguir um pouco de sono. Uma noite, tirei a sorte grande. Grande para mim. Duzentos ou trezentos. Eu sabia que eles voltariam. Entrei na briga, quebrei um espelho e umas cadeiras mas mantive o dinheiro e de manhã cedo peguei um ônibus para Nova Orleans. Uma mocinha tentou dar em cima de mim, e larguei ela em Fort Worth mas cheguei até Dallas e voltei. Matei algum tempo lá e me mandei pra N.O. Ocupei quarto em frente ao GANGPLANK CAFE e comecei a escrever. Contos. Bebi o dinheiro, fui trabalhar numa loja de quadrinhos, e logo toquei em frente. Miami Beach. Atlanta. Nova York. St. Louis. Philly. Frisco. L.A. de novo. Nova Orleans de novo. Depois Philly de novo. Depois Frisco de novo. L.A. de novo. Rodando sem parar. Algumas noites em East Kansas City. Parei de escrever. Me concentrei em beber. As minhas estadias mais longas foram em Philly. Eu acordava de manhã cedo e ia para um bar lá e eu fechava aquele bar à noite. Como consegui, não sei. Então finalmente voltei para L.A. e a garrafa foi minha amante por sete anos. Fui parar no mesmo hospital de caridade. Dessa vez não com furúnculos, mas com meu estômago afinal dilacerado de tanta bebida mata-rato e agonia. 4 litros de sangue e 3 litros de glicose transfundidos sem interrupção. Minha puta veio me ver e ela estava bêbada. Meu velho estava com ela. O velho me encheu de desaforo e a puta foi escrota também, e eu disse ao velho: “Só mais uma palavra sua e eu arranco essa agulha do meu braço, escapo desse leito de morte e arrebeno a sua cara!”. Eles foram embora. Saí de lá branco e velho, apaixonado pela luz do sol, tendo escutado que não devia nunca mais beber de novo se não

a morte seria minha. Constatei, entre as mudanças em mim, que a minha memória, outrora bastante boa, agora estava ruim. Algum dano cerebral sem dúvida, me deixaram lá uns dois dias na ala de caridade quando a minha papelada se perdeu e a minha papelada pedia transfusões imediatas, e eu estava sem sangue, ouvindo marteladas no meu cérebro. De todo modo, entrei num furgão dos correios e saí dirigindo e entreguei cartas e bebi de leve, experimentalmente, e aí uma noite sentei e comecei a escrever poesia. Que coisinha ótima. Pra onde mandar esse troço. Bem, não custava tentar. Havia uma revista chamada *Harlequin* e eu era um puta palhaço e a revista ficava lá numa cidadezinha do Texas e talvez eles não reconhecessem um troço ruim quando vissem, então -. Havia uma mocinha editora lá, e a pobrezinha surtou. Edição especial. Cartas se seguiram. As cartas começaram a esquentar. As cartas ferveram. Quando vi, a mocinha editora já estava em Los Angeles. Quando vi, nós estávamos em Las Vegas para o casamento. Quando vi, eu estava andando numa cidadezinha do Texas com os caipiras locais me encarando. A mocinha tinha dinheiro. Eu não sabia que ela tinha dinheiro. Ou que os parentes dela tinham dinheiro. Voltamos para L.A. e eu voltei a trabalhar, em algum lugar.

O casamento não deu certo. Ela levou 3 anos para descobrir que eu não era o que ela pensava que eu deveria ser. Eu era antissocial, grosseiro, um bêbado, não ia à igreja, apostava em cavalos, língua suja quando embriagado, não gostava de ir a lugar nenhum, me barbeava sem cuidado, não ligava para as pinturas dela ou para seus parentes, às vezes ficava na cama 2 ou 3 dias seguidos etc. etc.

Bem pouco mais. Voltei pra minha puta que antes tinha sido uma mulher tão cruel e bela, e que já não era bela (como tal), mas que, magicamente, havia virado uma pessoa calorosa e verdadeira, mas não conseguia parar de beber, ela bebia mais do que eu, e ela morreu.

Não resta grande coisa agora. Eu bebo principalmente sozinho e desencorajo companhia. As pessoas parecem ficar falando sobre

coisas que não importam. Elas são muito ansiosas ou muito perversas ou muito óbvias.

[Para John William Corrington]
Outubro de 1963

[...] Algo de Brahms agora, piano. Mulher acabou de me telefonar, certa brasileira que mora no alto da Sunset Strip. Talvez eu devesse fazer um strip nela. Mas já estou me dando bem o bastante e, embora exista certo problema relacionado, me vem uma sensação de normalidade da coisa toda. Cortei a bebida um pouco, principalmente cerveja. Li hoje no jornal que o alcoólatra médio vive até os 51 (assim me restam 8 anos), ao passo que o não bebedor médio vive até os 70. Eu acho que os melhores anos são dos 30 aos 40; você está definitivamente fora da infância, sabe melhor o que não quer, e geralmente tem força e saúde pra aguentar. Claro, há algo de errado com todos nós & se você derramar álcool por cima você se livra desse algo mais rápido.

[Para Jon e Louise Webb]
1º de março de 1964

[...] Estou ficando um pouco bêbado, um bom muro pra ficar escondido atrás, a bandeira do covarde. Eu me lembro de uma vez em certa cidade em certo quarto barato, acredito que era St. Louis, sim, um hotel na esquina e os gases do tráfego indo para o trabalho costumavam subir e sufocar meus pulmões doentes preguiçosos, e eu mandava ela sair para comprar cerveja ou vinho e ela estava

tentando me endireitar, tentando me fazer de filho ou me enforçar ou me entender, como todas as mulheres tentam fazer, e ela me passou o velho papinho: “Beber é só escapismo”. Claro, eu respondi, e graças às velhas bolas vermelhas de Deus que é, e quando eu te como, isso é escapismo também, você pode achar que não é, pra você pode ser viver, pois bem, vamos beber.

Onde será que ela está agora? Uma empregada negra bem gorda com as maiores e mais gordas e mais muitíssimo adoráveis pernas do universo e ideias sobre “escapismo”.

garrafa de cerveja

uma coisa de fato miraculosa acaba de acontecer:
minha garrafa de cerveja girou e caiu
e aterrissou com a parte do fundo no chão,
e eu a coloquei de volta na mesa para baixar a espuma,
mas as fotos não estavam lá essas coisas hoje
e havia uma pequena fenda no couro
do meu sapato esquerdo, mas é tudo muito simples:
não podemos adquirir muita coisa: há leis
que desconhecemos de todo, todo tipo de cutucão
para nos queimar ou congelar; o que faz com que
o melro se encaixe na boca do gato
não nos cabe dizer, ou por que certos homens
terminam enjaulados como esquilos de estimação
enquanto outros se espremem contra peitos enormes
ao longo de infindáveis noites – esta é a
missão e o terror, e não nos é dito
por quê. ainda assim, que sorte a garrafa
ter aterrissado direito, e embora
eu tivesse uma de vinho e uma de uísque,
isto prediz, de algum modo, uma noite boa,
e talvez amanhã meu nariz esteja mais comprido:
novos sapatos, menos chuva, mais poemas.